

Entre Aspas

Coração Minhoto

A minha relação com o Minho nunca foi pacífica. Em alguns momentos, dir-se-ia mesmo tensa. Apesar de aqui ter construído a minha vida e aqui terem nascido e crescido os meus filhos, nunca senti que este fosse o meu lugar de pertença. Ou esta a minha geografia identitária. Nunca tive um coração minhoto.

É certo que as luzes mortíferas, amareladas da cidade de Braga, no dia em que cheguei, as velas e as lojas de paramentarias porta sim, porta não, o toque dos sinos, me impressionaram. O conservadorismo, o puritanismo e provincianismo autoconvencido das gentes, as marcas indelévels de uma ruralidade que era, para a recém-licenciada em Coimbra, um sinal do atraso e do isolamento a que o país fora condenado no antigo regime, criaram em mim uma distância de segurança. Um sentimento de exílio. De resto, para quem vinha do interior beirão, sofrido e granítico, recatado na intimidade, a alegria das festas e romarias onde o sagrado e o pagão vivem paredes meias, a exterioridade e o colorido minhotos causam estranheza, a exuberância da fala, também. Não há gente mais festeira (e atrevia-me a dizer, mais "teatral") do que as gentes do Minho. Basta olhar para os contornos luminosos das suas capelas e ermidas, quando a noite lhes dá uma aparência de presépios encantados. Ou as festas de São João. Os exuberantes fogos de artifício, nunca percebi porquê, mas invariavelmente à uma hora da madrugada.

Há poucos anos, os caprichos do destino levaram-me até à escrita de Maria Ondina Braga. Eu estava fragilizada e só, pelo que o encontro com a mulher solitária mas determinada, discreta mas arrojadada que ela foi, para a mulher viajada que levou pelos quatro cantos do mundo o seu coração minhoto, mudou o meu modo de olhar o Minho. Em certo sentido, foi com Maria Ondina Braga que me reconciliei com Braga. Descobri que pela primeira vez estes lugares me tocavam como se fizessem parte de mim. Que alguma gota de ternura pulsava nas minhas artérias. Dei por mim a escutar as tílias da Avenida ou as carvalheiras de Camilo no Bom Jesus. Enternecida com a imagem da Senhora do Leite, com o fogo de artifício na noite de São João ou com os festejos da Semana Santa. E a gostar ainda mais do litoral de Esposende ou de Moledo. Dos corações de Viana. Da memória de pedra de Ponte de Lima ou de Guimarães. Do Gerês.

No final de Julho, aproveitando uma tarde livre em Lisboa, fui ver a exposição de Sarah Affonso (1899-1983) na Gulbenkian. Conhecia algum trabalho da pintora, tinha lido as "conversas" com a nora Maria José, publicadas pela Arcádia em 82 (um ano antes de a pintora falecer), justamente no mesmo ano em que saíra pela primeira vez a lume – e eu descobria com espanto – o *Livro do Desassossego*. As "conversas" surpreenderam-me pela determinação desta mulher cuja paixão pela pintura a levou até Paris, foi amiga de Modigliani e Amadeo, admirava Matisse e os fau-



ves, convivera com Santa Rita, Eduardo Viana e os De-launay, frequentara as tertúlias da Brasileira, até então um território masculino, conhecera Pessoa (visita da sua casa) e casara, nome já feito na praça, com Almada Negreiros. Lembro-me de ter visto por essa altura uma ou outra reprodução dos seus quadros que me deixaram a impressão de uma pintura algo *nai-ve*, popular. O meu lado urbano e o preconceito não me deixaram ver mais. Sarah era a mulher de Almada e isso resumia tudo. Esqueci-a durante muitos anos. Foi assim, com profunda emoção, que vi a belissi-



ma exposição "Sarah Affonso e a arte popular do Minho", com curadoria de Ana Vasconcelos e assistência de Vera Barreto, patente na Gulbenkian até Outubro. Além de permitir acompanhar o percurso artístico da pintora (creio que nunca até hoje ela merecera o destaque de uma exposição individual), a exposição leva o visitante em viagem até ao mundo colorido e festivo do Minho.

Sarah Affonso, cujo pai era natural de Viana, viveu os anos mais marcantes da sua infância e juventude (entre os cinco e os quinze anos) nesta cidade, antes de cursar Belas-Artes em Lisboa e rumar a Paris onde sobrevive com o parco dinheiro que o pai lhe enviava, engrossado com alguns trabalhos de costura, e onde expõe no *Salon de Automne* de 1928. Foi a partir das imagens do Minho gravadas na sua memória que a pintora criou uma linguagem e um universo pictórico singulares, num registo intimista, autobiográfico e memorialístico admiráveis. Mas o traço mais original das suas pinturas reside no modo como fez das suas vivências, e em particular do seu coração minhoto, a matéria plástica com que moldou as gentes, os campos, os animais, o mundo popular que habita as suas telas, conciliando esse imaginário com a cor e a técnicas modernistas que a pintora aprendera em Paris. Quadros como aquele sem data e sem título que representa três mulheres abraçadas, ensaiando uma dança de roda que parece alargar-se ao círculo imperfeito de vacas que as rodeiam, não deixa de, surpreendentemente, convocar "A Dança" (1910) de Matisse, hoje no Museu Hermitage, de São Petersburgo.

Longe da vertigem urbana e industrial, do cubismo, futurismo ou mesmo do geometrismo de Cézanne que Sarah diz "adorar" e seduzira alguns dos pintores com quem conviveu, incluindo Almada, as pinturas de Sarah Affonso transportam-nos até às festas e romarias do Minho, a um mundo "primitivo", pré-industrial, onde mulheres, crianças, animais e natureza parecem viver em harmonia. Transportam-nos até às festas da Senhora da Agonia (padroeira dos pescadores) e às "ouradas" mulheres de Viana, à experiência da maternidade (muitos dos seus quadros apresentam mulheres a amamentar os filhos) e à expressão da religiosidade do Minho onde convivem lado a lado procissões, anjinhos, ex-votos, alminhas, lendas populares, carrosséis e brinquedos, sereias e imagens de Nossa Senhora com o Menino, o próprio filho da pintora. As telas são o tapete em que voamos até um mundo fora do tempo, em certa medida onírico, pelo modo como as figuras de textura plana parecem flutuar sobre o fundo vago da tela ou rompem com as convenções da representação. Um mundo que se estende aos botões de cerâmica personalizados, inspirados na filigrana ou no figurado de barro e aos bordados da artista multifacetada que foi Sarah.

A medida que percorria a exposição, ia-me deixando enternecer por aquele mundo de cor, por aquela linguagem marcadamente expressionista, ao mesmo

“ASPA – Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural e Natural”

Apartado 78 4711 – 909 BRAGA (Portugal)
www.aspa.pt | Blogue: aspa35anos.blogspot.com
Facebook: ASPA PATRIMONIO | mail: aspa.patrimonio@gmail.com



tempo que descobria nas telas e nos objectos que enquadravam contextualmente a exposição (cartazes das Festas da Senhora da Agonia, entre eles um cartaz datado de 1912, trajes de Viana, filigranas várias —brincos de rainha, arrecadas, corações de Viana, contos, borboletas, relicários— ex-votos, bordados, embalagens antigas de chocolates “A Vianense”, figurado de Barcelos) um mundo que me é familiar. Que descobria, não sem espanto, afinal ser o meu.

No catálogo que acompanha a exposição, o antropólogo António Medeiros dá-nos conta que o Minho fora, a partir de 1870, o maior referente da imaginação etnográfica do país, talvez por esta exuberância festiva. Pintores, fotógrafos, poetas, dominando técnicas e ideias modernistas, tornaram-se “produtores de uma iconicidade moderna e nacionalizadora”. Por outras palavras, ajudaram a criar a iconografia de uma certa “portugalidade” indissociável da profunda ligação da cultura portuguesa ao mundo rural que havia de fazer do Minho (em particular) um fenómeno de moda nos anos do pós-guerra e propaganda do Estado Novo.

Se Sarah Affonso foi, *malgré-elle*, uma produtora de imagens modernistas do que é “português” e “popular”, a razão que a move é de outra ordem. Essas imagens procedem de uma razão íntima, da marca que o Minho imprimiu na sua memória e imaginário de infância que acompanharam a pintora durante toda a vida. Isso mesmo ela o deixará claro quer nas “conversas” com a nora, quer nas várias narrativas que foi tecendo sobre o sentido e a origem das suas pinturas. De resto, não é a nostalgia que a move, nem de outro modo podia ser em alguém que confessa, a propósito dos tempos de Paris, não ter saudades “da vida de cá”, apenas “da luz de Lisboa e do mar” (*Conversas*, 1982, p.30). Ficcionalada ou não, a sua pintura é uma autobiopictografia. O próprio António Medeiros o reconhece, não sem introduzir um reparo: “*Em várias circunstâncias, a artista sempre sublinhou como os seus quadros celebravam memórias da sua infância, passada em Viana do Castelo. Mas, invocar a infância e o trabalho da memória são argumentos poderosos para se fazer no século que foi de Sigmund Freud e de Marcel Proust, meios especialmente efectivos de invocar legitimidade. Julgo que devem mais as imagens celebradas de Sarah Affonso ao que ela pôde aprender em Paris e com o círculo dos seus amigos e conhecidos em Lisboa, nos tempos do auge da “moda do Minho. As nossas reações*



empáticas a estes quadros dizem-nos que os símbolos propostos pelos pintores modernistas nos são familiares: partilhámos, afinal, uma cultura comum, que foi fundida no tempo de Sarah Affonso”.

A exposição provocou em mim muito mais do que

uma reacção empática. Tratou-se, como no caso de Maria Ondina, de um inesperado encontro. O encontro comigo mesma. Pela primeira vez senti pulsar em mim o meu coração minhoto.

Isabel Cristina Mateus

CRUZ VERMELHA PORTUGUESA
Delegação de Braga

CUSTOS
OBRA | 1.200.000-
EQUIPAMENTO | 300.000-
Financiada por IVA

NOVA SEDE DA CRUZ VERMELHA PORTUGUESA

DELEGAÇÃO DE BRAGA

BRAGA COM A CRUZ VERMELHA

Como Ajudar:

As Empresas, entidades e/ou individualidades poderão doar serviços e/ou materiais, bem como fazer contribuições entregues diretamente ou por transferência bancária para a Conta **Braga pela Cruz Vermelha** com o **IBAN PT50 0033 0000 45244287539 05**

Todos os donativos serão enquadrados nos artigos 62º e 63º dos benefícios fiscais, com a emissão do respetivo recibo donativo, dedutível no IRS ou IRC, até cerca de 30%.

Informações: Telf. 253 208 870 | <https://braga.cruzvermelha.pt> na página da **Transparência**